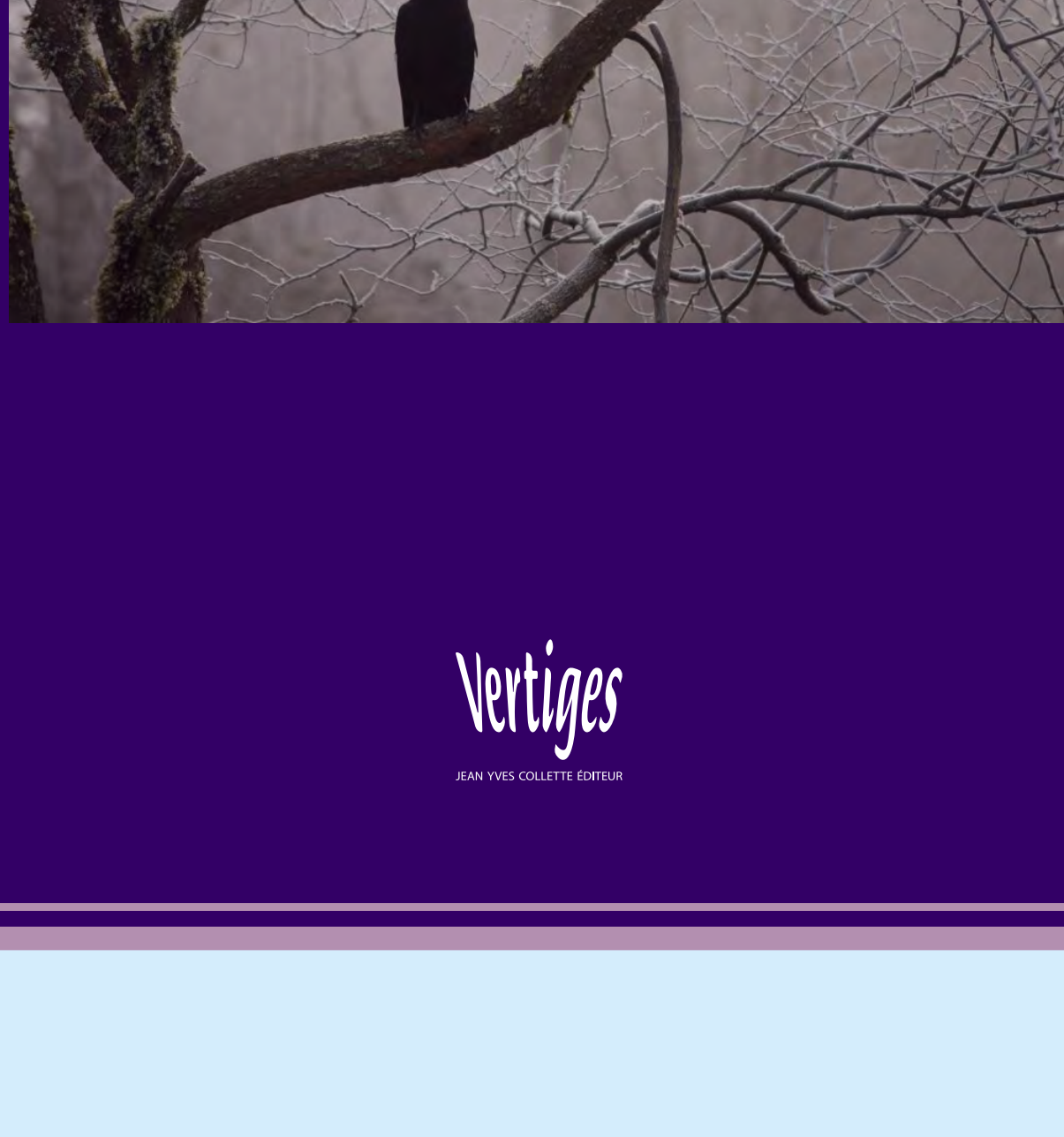


Edgar Allan Poe

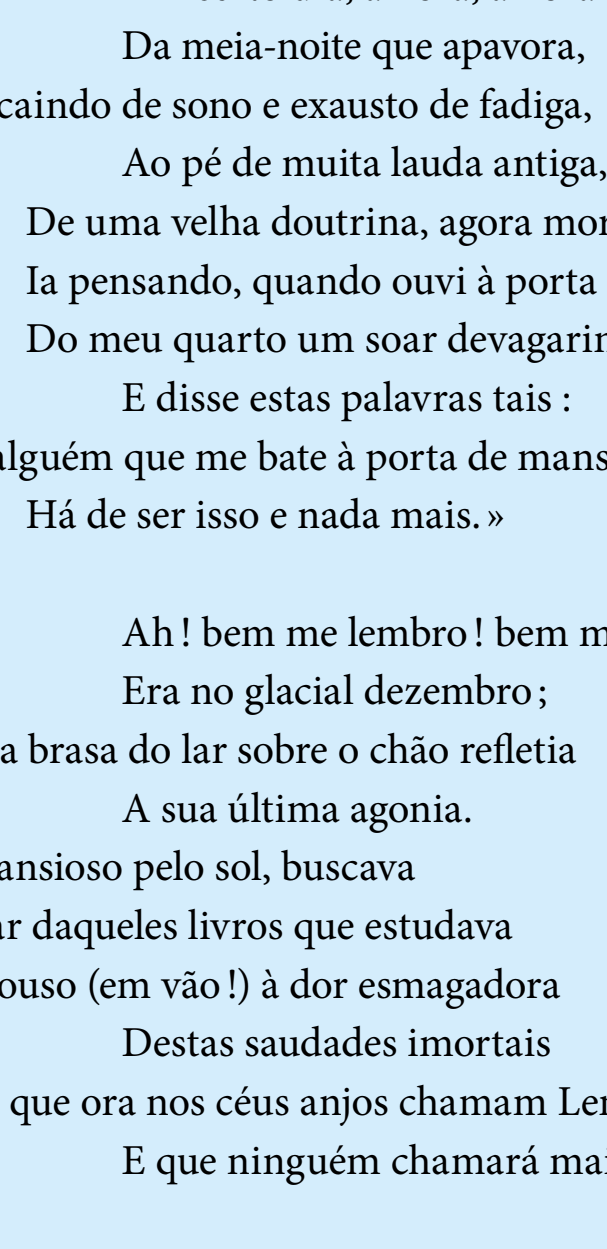
Traduit de l'américain par Machado de Assis

O Corvo



Vertiges

JEAN-YVES COLLETTE ÉDITEUR



Edgar Allan Poe (1809-1849).

O CORVO

EM certo dia, à hora, à hora
Da meia-noite que apavora,
Eu, caindo de sono e exausto de fadiga,
Ao pé de muita lauda antiga,

De uma velha doutrina, agora morta,
Ia pensando, quando ouvi à porta
Do meu quarto um soar devagarinho,
E disse estas palavras tais :

« É alguém que me bate à porta de mansinho ;
Há de ser isso e nada mais. »

Ah ! bem me lembro ! bem me lembro !
Era no glacial dezembro ;
Cada brasa do lar sobre o chão refletia
A sua última agonia.

Eu, ansioso pelo sol, buscava
Sacar daqueles livros que estudava
Repouso (em vão !) à dor esmagadora
Destas saudades imortais

Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora.
E que ninguém chamará mais.

E o rumor triste, vago, brando
Das cortinas ia acordando
Dentro em meu coração um rumor não sabido,
Nunca por ele padecido.

Enfim, por aplacá-lo aqui no peito,
Levantei-me de pronto, e : « Com efeito,
(Disse) é visita amiga e retardada
Que bate a estas horas tais.

É visita que pede à minha porta entrada :
Há de ser isso e nada mais. »

Minh'alma então sentiu-se forte ;
Não mais vacilo e desta sorte
Falo : « Imploro de vós, – ou senhor ou senhora,
Me desculpeis tanta demora.

Mas como eu, precisando de descanso,
Já cochilava, e tão de manso e manso
Batestes, não fui logo, prestemente,
Certificar-me que aí estais. »

Disse ; a porta escancarou, acho a noite somente,
Somente a noite, e nada mais.

Com longo olhar escuro a sombra,
Que me amedronta, que me assombra,
E sonho o que nenhum mortal há já sonhado,
Mas o silêncio amplo e calado,

Calado fica ; a quietação quieta ;
Só tu, palavra única e diletta,
Lenora, tu, como um suspiro escasso,
Da minha triste boca saís ;

E o eco, que te ouviu, murmurou-te no espaço ;
Foi isso apenas, nada mais.

Entro coa alma incendiada.
Logo depois outra pancada
Soa um pouco mais forte ; eu, voltando-me a ela :
« Seguramente, há na janela

Alguma cousa que sussurra. Abramos,
Eia, fora o temor, eia, vejamos
A explicação do caso misterioso
Dessas duas pancadas tais.

Devolvamos a paz ao coração medroso,
Obra do vento e nada mais. »

Abro a janela, e de repente,
Vejo tumultuosamente
Um nobre corvo entrar, digno de antigos dias.
Não despendeu em cortesias

Um minuto, um instante. Tinha o aspecto
De um *lord* ou de uma *lady*. E pronto e reto,
Movendo no ar as suas negras alas,
Acima voa de portas, e

Trepado, no alto da porta, em um treme de Palas ;
Trepado fica, e nada mais.

Diante da ave feia e escura,
Naquela rígida postura,
Com o gesto severo, – o triste pensamento
Sorriu-me ali por um momento,

E eu disse : « O tu que das noturnas plagas
Vens, embora a cabeça nua tragas,
Sem topete, não és ave medrosa,
Dize os teus nomes senhoriais ;

Como te chamas tu na grande noite umbrosa ? »
E o corvo disse : « Nunca mais. »

Vendo que o pássaro entendia
A pergunta que lhe eu fazia,
Fico atônito, embora a resposta que dera
Difícilmente lhe entendera.

Na verdade, jamais homem há visto
Cousa na terra semelhante a isto :
Uma ave negra, friamente posta
Num negro, acima dos portais,

Ouvir uma pergunta e dizer em resposta
Que este é seu nome : « Nunca mais ».

No entanto, o corvo solitário
Não teve outro vocabulário,
Como se essa palavra escassa que ali disse
Toda a sua alma resumisse.

Nenhuma outra proferiu, nenhuma,
Não chegou a mexer uma só pluma,
Até que eu murmurei : « Perdi outrora
Tantos amigos tão leais !

Perderei também este em regressando a aurora. »
E o corvo disse : « Nunca mais ! »

Estremeço. A resposta ouvida
É tão exata ! é tão cabida !
« Certamente, digo eu, essa é toda a ciência
Que ele trouxe da convivência

De algum mestre infeliz e acabrunhado
Que o implacável destino há castigado
Tão tenaz, tão sem pausa, nem fadiga,
Que dos seus cantos, seus ais

Só lhe ficou, na amarga e última cantiga,
Esse estribilho : « Nunca mais ».

Segunda vez, nesse momento,
Sorriu-me o triste pensamento ;
Vou sentar-me defronte ao corvo meluro e rudo ;
E mergulhando no mundo velado

Da poltrona que eu mesmo ali trouxera
Achar procuro a lúgubre quimera,
A alma, o sentido, o pálido segredo
Daquelas sílabas fatais,

Entender o que quis dizer a ave do medo
Grasnando a frase : « Nunca mais ».

Assim posto, devaneando,
Meditando, conjeturando,
Não lhe falava mais ; mas, se lhe não falava,
Sentia o olhar que me abrasava.

Conjeturando fui, tranqüilo a gosto,
Com a cabeça no mácio encosto
Onde os raios da lâmpada caíam,
Onde as traças angélicas

De outra cabeça outrora ali se desparziam,
E agora não se esparzem mais.

Supus então que o ar, mais denso,
Todo se enchia de um incenso,
Obra de serafins que, pelo chão roçando
Do quarto, estavam vindo

Um ligeiro turbulo invisível ;
E eu exclamei então : « Um Deus sensível
Manda repouso à dor que te devora
Destas saudades imortais.

Eia, esquece, eia, olvida essa extinta Lenora. »
E o corvo disse : « Nunca mais. »

« Profeta, ou o que quer que sejas !
Ave ou demônio que negrejas !
Profeta sempre, escuta : Ou venhas tu do inferno
Onde reside o mal eterno,

Ou simplesmente náufrago escapado
Venhas do temporal que te há lançado
Nesta casa onde o Horror, o Horror profundo
Tem os seus lares triunfais,

Dize-me : existe acaso um bálsamo no mundo ? »
E o corvo disse : « Nunca mais. »

« Profeta, ou o que quer que sejas !
Ave ou demônio que negrejas !
Profeta sempre, escuta, atende, escuta, atende !
Por esse céu que além se estende,

Pelo Deus que ambos adoramos, fala,
Dize a esta alma se é dado inda escutá-la
No éden celeste a virgem que ela chora
Nestes retiros sepulcrais,

Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora ! »
E o corvo disse : « Nunca mais. »

« Ave ou demônio que negrejas !
Profeta, ou o que quer que sejas !
Cessa, ai, cessa ! clamei, levantando-me, cessa !
Regressa ao temporal, regressa

À tua noite, deixa-me comigo.
Vai-te, não fique no meu casto abrigo
Pluma que lembre essa mentira tua.
Tira-me ao peito essas fatais

Garras que abrindo vão a minha dor já crua. »
E o corvo disse : « Nunca mais. »

E o corvo aí fica ; ei-lo trepado
No branco mármore lavrado
Da antiga Palas ; ei-lo imutável, ferenho.
Parece, ao ver-lhe o duro cenho,

Um demônio sonhando. A luz caída
Do lampião sobre a ave aborrecida
No chão espria a triste sombra ; e, fora
Daquelas linhas funerais

Que flutuam no chão, a minha alma que chora
Não sai mais, nunca, nunca mais !

O Corvo / The Raven,

poème d'Edgar Allan Poe (1809-1849)
est paru, en anglais, pour la première fois,
le 29 janvier 1845, dans le *New York Evening Mirror*,
puis, la même année, dans *The Raven and other Poems*,
à New York, chez Wiley & Putnam.

La présente traduction en portugais
est de Joaquim Machado de Assis.



Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908),
est un écrivain et journaliste brésilien.

© Vertiges éditeur, 2025
ISBN : 978-2-89854-593-1

Dépôt légal – BANQ : premier trimestre 2025

– 2 594^e lecturriel –

Lecturiels

www.lecturiels.org